ISSN: 2358-8829

EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA E SEUS EFEITOS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NA UERJ

Suellen Teixeira Nascimento [1]
Annie Gomes Redig [2]

INTRODUÇÃO

A presença de estudantes com deficiência no ensino superior brasileiro vem sendo ampliada nas últimas décadas, acompanhando mudanças nas políticas educacionais e nas formas de compreender o direito à educação. Esse movimento representa um avanço importante, especialmente porque, durante muito tempo, as pessoas com deficiência foram afastadas dos espaços comuns de aprendizagem e, particularmente, da educação superior (ALVES, 2015). Entretanto, o ingresso na universidade não significa, por si só, que estejam garantidas as condições para a permanência, a participação, a aprendizagem e a conclusão do curso.

Nesse sentido, discutir a inclusão no ensino superior exige olhar para além do acesso. É necessário compreender como os estudantes vivenciam o cotidiano universitário, quais barreiras encontram, quais apoios estão disponíveis e de que maneira estabelecem relações e constroem estratégias para permanecer nesse espaço. Como destacam Melo e Gonçalves (2013), o acesso e a permanência de estudantes com deficiência nas instituições de ensino superior envolvem diferentes aspectos, entre eles as condições institucionais e pedagógicas oferecidas pelas universidades.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015 – estabelece a acessibilidade como condição para a participação da pessoa com deficiência em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015). A legislação também contribui para superar uma perspectiva de deficiência centrada exclusivamente no indivíduo, ao considerar as barreiras presentes nos diferentes espaços sociais. Dessa forma, as dificuldades

[1] Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ – RJ. E-mail: suellentn@yahoo.com.br.

[2] Professora titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ – RJ. E-mail: annieredig@yahoo.com.br.

ISSN: 2358-8829

enfrentadas pelos estudantes não decorrem apenas de suas características individuais, mas também das condições oferecidas pelo ambiente universitário.

Moreira (2005) chama atenção para a necessidade de que as instituições de ensino superior ultrapassem a presença física dos estudantes com necessidades educacionais especiais e desenvolvam condições efetivas de participação. Nessa direção, a acessibilidade não se restringe às estruturas arquitetônicas, envolvendo também comunicação, informação, recursos, práticas pedagógicas e relações sociais.

Consideramos, portanto, que ouvir os estudantes é fundamental para compreender como essas condições se concretizam no cotidiano. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência reconhece o direito das pessoas com deficiência à autonomia e à participação nas decisões que dizem respeito às suas próprias vidas (BRASIL, 2009). Assim, suas experiências não devem ser substituídas pela interpretação daqueles que falam em seu nome. É necessário criar espaços para que possam relatar suas vivências, avaliar as condições encontradas e apontar aquilo que consideram necessário para que a universidade se torne um espaço mais acessível.

Foi a partir dessa perspectiva que realizamos uma pesquisa sobre a inclusão de estudantes com deficiência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), buscando compreender, a partir de suas próprias narrativas, como percebiam seu processo de inclusão, as condições de permanência e aprendizagem e as ações institucionais existentes.

Neste artigo, apresentamos um recorte dos resultados dessa pesquisa, com atenção especial à experiência universitária narrada pelos estudantes e aos efeitos que eles próprios atribuem à vivência na universidade. Nosso objetivo é compreender como esses estudantes percebem sua experiência na UERJ, considerando as condições que atravessam sua permanência, as barreiras e estratégias construídas no cotidiano e os desdobramentos dessa experiência em suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

METODOLOGIA

Este artigo se concentra na etapa qualitativa da dissertação intitulada *Inclusão de alunos com deficiência no ensino superior: estudo de caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, defendida em 2021, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo campo de estudo foi o campus Maracanã da UERJ (NASCIMENTO, 2021).

A pesquisa qualitativa, conforme Minayo e Sanches (1993), busca interpretar os discursos considerando o contexto em que são produzidos, de modo a ultrapassar o conteúdo manifesto e alcançar

ISSN: 2358-8829

os significados que expressam. Nessa perspectiva, Minayo (2001, p. 21-22) destaca que essa abordagem se dedica a aspectos da realidade social que não podem ser quantificados, contemplando significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que permeiam as relações, os processos e os fenômenos sociais.

Tendo como base essa perspectiva, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 estudantes com deficiência ou com necessidades específicas de aprendizagem, com matrícula ativa na graduação, no período 2020.1. A entrevista semiestruturada permitiu organizar questões previamente definidas e, ao mesmo tempo, possibilitou aos participantes desenvolver suas respostas e relatar experiências que considerassem significativas (MANZINI, 2003; 2004).

O roteiro de entrevista contemplou questões relacionadas ao tipo de ingresso; recebimento de bolsa; motivações de escolha da Universidade e do curso; ao relacionamento com professores, colegas e servidores; ao acesso e locomoção no *campus* e métodos de ensino; ao auxílio no vestibular e durante o curso; acesso e conhecimento acerca dos programas da Universidade; e ainda, à avaliação que os próprios estudantes faziam acerca dos aspectos positivos e negativos e os pontos de melhoria de suas experiências na universidade.

Para este artigo, retomamos esse material por meio de três dimensões articuladas: as condições que atravessam a permanência; as barreiras, os apoios e as estratégias presentes no cotidiano universitário; e os efeitos que os próprios estudantes atribuem à experiência na UERJ. Essa organização foi definida em função do objetivo específico deste trabalho.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, processo nº 26291919.4.0000.5259. Os participantes foram identificados por nomes fictícios, preservando-se sua identidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA: ENTRE ACESSO, PERMANÊNCIA E PERTENCIMENTO

A experiência universitária dos estudantes entrevistados começa antes mesmo da entrada na sala de aula. Ela envolve as condições de ingresso, as possibilidades de permanência, as relações estabelecidas e as expectativas construídas em torno da formação. Dos 12 estudantes entrevistados, oito ingressaram pelas vagas reservadas e quatro pela ampla concorrência. Entre os motivos apresentados para o ingresso pela ampla concorrência estavam questões relacionadas à renda, à opção pessoal e à dificuldade de reunir a documentação necessária para a reserva de vagas. A fala de André evidencia uma dessas dificuldades:

ISSN: 2358-8829

Eu não consegui por causa da quantidade de documentos, porque pra você pegar o sistema de cotas você precisa de um monte de documentação e não só sua, né? Então na época, como somos só eu e meu pai e eu não fazia muita coisa em casa e tal, pela acumulação de tarefas ele não conseguiu ver a documentação. Daí eu entrei pela ampla concorrência. (André, 19 anos, deficiência visual, Letras Português/Espanhol)

O relato mostra que o direito formal ao ingresso por meio da reserva de vagas não elimina, necessariamente, as dificuldades encontradas para acessar esse direito. O estudante não questiona a existência da política, mas relata uma condição concreta que interferiu em sua possibilidade de utilizá-la.

A permanência também aparece associada às condições socioeconômicas. Entre os estudantes que recebiam bolsa, os relatos evidenciaram que o auxílio financeiro podia representar uma condição importante para a continuidade dos estudos. Essa questão ganha força na fala de Hermes, quando relata a convivência com colegas que dependiam do recurso para frequentar a universidade:

Eu sempre tive uma vida confortável da minha mãe, dos meus pais e meu. E aí eu parar e falar que se o Estado não ajudar essa menina ela não vai se formar. E isso é muito impactante, para uma realidade que não era minha. Então fez também valorizar muito, assim, esse papel do Estado mesmo com a educação. (Hermes, 25 anos, deficiência auditiva parcial, Jornalismo)

Além das condições materiais, as relações estabelecidas no cotidiano aparecem como elemento importante da permanência. Os estudantes relataram experiências de acolhimento por parte de professores, colegas e servidores, ainda que essas experiências não tenham sido iguais para todos.

André, por exemplo, relata que a aproximação com determinados professores contribuiu inclusive para que fossem construídas formas diferentes de ensinar:

Eu sou uma pessoa que eu tenho uma facilidade de me comunicar assim. Eu tenho um problema pra começar a me comunicar, mas uma vez que eu começo, eu consigo levar tranquilamente uma conversa, então esses professores que a gente ganha mais afinidade e tal, eu consegui estabelecer uma relação muito boa e aí consequentemente até conforme você vai estabelecendo uma relação melhor, o próprio professor vai tendo mais facilidade de adaptar o método dele pra funcionar contigo. (André, 19 anos, deficiência visual, Letras Português/Espanhol)

A fala evidencia que a relação entre professor e estudante pode favorecer a construção de possibilidades para a aprendizagem. Não se trata apenas de uma relação marcada pela cordialidade, mas de uma aproximação que permite ao professor conhecer o estudante e ajustar

ISSN: 2358-8829

sua prática. Nesse sentido, Omote (2005) destaca a importância das relações sociais para a construção de espaços educacionais inclusivos.

Entre os colegas, também foram relatadas experiências de amizade, apoio e acolhimento. Sara estabelece uma comparação entre sua experiência escolar anterior e a universidade:

Então, a minha experiência é muito boa, eu não sofri nenhum bullying, ou eu não sofri bullying, eu não sofri ignorância das pessoas. Porque diferente da época da escola que eu... ou eu sofria bullying ou não sofria, mas as pessoas não queriam nem falar comigo. Na UERJ é diferente, as pessoas conversam comigo, batem papo, conversam numa boa e fazem o possível para me incluir, quando tô chorando, que às vezes eu tenho umas crises e ninguém me exclui por causa disso. Simplesmente me acolhe, me abraça. (Sara, 23 anos, TEA, Pedagogia).

Nesse relato, pertencer não significa apenas estar presente. A estudante identifica como parte importante de sua experiência o fato de conversar, fazer amizades e ser acolhida nos momentos de dificuldade. O pertencimento aparece, portanto, relacionado às relações que se estabelecem no espaço universitário.

ENTRE BARREIRAS, APOIOS E ESTRATÉGIAS

Embora muitos estudantes tenham relatado experiências positivas, as entrevistas também revelaram barreiras presentes no cotidiano universitário. Essas barreiras aparecem de diferentes maneiras: na arquitetura dos espaços, nos métodos de ensino, no acesso aos materiais, na comunicação e na necessidade de recorrer constantemente a outras pessoas para conseguir participar de determinadas atividades.

A acessibilidade também foi discutida pelos estudantes em relação aos métodos de ensino. Para alguns participantes, a forma como os conteúdos eram apresentados dificultava o acesso ao conhecimento. André resume essa dificuldade ao afirmar que *o método não é nada acessível.* (André, 19 anos, deficiência visual, Letras Português/Espanhol)

A questão não está, portanto, apenas na existência de uma rampa, de um elevador ou de um espaço físico adaptado. O modo como uma aula é organizada, os materiais utilizados e a forma de disponibilização das informações também interferem diretamente na possibilidade de aprendizagem. Scott (2011) destaca que a acessibilidade no ensino superior deve ser compreendida de forma ampla, considerando as diferentes condições necessárias para a participação dos estudantes.

Para os estudantes com deficiência visual, essas dificuldades apareciam de forma ainda mais evidente nos materiais didáticos. A utilização de arquivos escaneados, por exemplo, podia

ISSN: 2358-8829

impedir o acesso ao conteúdo por meio dos recursos tecnológicos utilizados pelos participantes. Em situações como essa, os estudantes precisavam buscar outras alternativas. João Batista relata:

Eu faço gravação das aulas. [...] Às vezes o professor manda o material, às vezes não manda, e aí eu peço para algum colega e aí eu vou estudando. (João Batista, 46 anos, deficiência visual, Direito)

A estratégia desenvolvida pelo estudante permite que ele acompanhe as atividades, mas também mostra que a acessibilidade não está garantida quando o estudante precisa construir individualmente soluções para ter acesso ao conteúdo.

O apoio dos colegas aparece, assim, como uma estratégia recorrente. Em diferentes situações, os estudantes relataram que recorriam aos pares para obter materiais, localizar espaços, compreender informações ou realizar atividades. A cooperação entre os sujeitos pode favorecer a participação, mas não deve substituir a responsabilidade institucional pela oferta de condições acessíveis.

Essa questão aparece também quando os participantes relatam o trabalho desenvolvido pelo Programa Rompendo Barreiras, que desde 1988 desenvolve ações para assegurar acessibilidade e inclusão aos estudantes com deficiência da instituição. Para alguns estudantes, o programa foi uma importante referência desde o ingresso na universidade. Felipe relata:

O Rompendo Barreiras, na verdade foi a minha porta de entrada na UERJ, né? Por meio do Rompendo Barreiras, que eu conheci através de um amigo, eu passei a frequentar o Rompendo Barreiras, né, sob a direção da professora Valéria e lá é assim, o pessoal sempre me acolheu bem e é um espaço assim que a gente precisa muito, sabe? (Felipe, 50 anos, deficiência visual, Direito).

Para João Batista, o programa também representa um espaço de apoio permanente:

Eu me utilizo do Rompendo Barreiras até hoje. Até hoje eu me utilizo do espaço para fazer leitura, para os computadores que são adaptados para nós, pessoas com deficiência visual. Nós utilizamos os computadores que são adaptados e o pessoal que trabalha lá, os bolsistas, são muito atenciosos. (João Batista, 46 anos, deficiência visual, Direito).

Os relatos mostram a importância de serviços e programas que ofereçam recursos e apoio aos estudantes. Ao mesmo tempo, evidenciam que o conhecimento sobre esses serviços não era igual para todos. Na pesquisa original, verificamos que os estudantes que ingressaram pelas vagas reservadas conheciam mais frequentemente o PROINICIAR, programa de iniciação acadêmica, enquanto o conhecimento e a utilização dos programas variavam entre os participantes.

ISSN: 2358-8829

Os relatos também evidenciaram a importância das adaptações realizadas por alguns professores. Quando o docente conhece as necessidades do estudante e estabelece uma relação de diálogo, podem ser construídas alternativas para favorecer a aprendizagem. Mascaro (2017) ressalta que a inclusão não deve se limitar à presença do estudante na instituição, sendo necessário desenvolver estratégias que favoreçam sua aprendizagem.

Nesse ponto, as falas revelam uma tensão importante. Por um lado, os estudantes encontram professores, colegas e servidores que procuram ajudar. Por outro, a necessidade de negociar individualmente cada situação mostra que as condições de acessibilidade ainda não estão plenamente incorporadas às práticas universitárias.

Hanna sintetiza essa contradição ao afirmar:

Vou falar a verdade, foi difícil. Eu tive que persistir mesmo pra permanecer. A gente foi aceito, a gente não foi incluído. [...] Eu acho que ainda precisa de uma caminhada aí. (Hanna, 46 anos, deficiência visual, Psicologia)

A distinção estabelecida pela estudante entre ser *aceito* e ser *incluído* é significativa. O ingresso representa uma conquista importante, mas não encerra o processo. Permanecer, aprender, participar e concluir exigem condições que precisam estar presentes no cotidiano.

A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA E SEUS EFEITOS NAS TRAJETÓRIAS

Se as narrativas evidenciam barreiras e dificuldades, elas também revelam que a experiência universitária não se resume a elas. Ao perguntarmos aos estudantes sobre sua experiência na UERJ, a maioria a avaliou como boa ou muito boa. Foram mencionados aspectos relacionados à qualidade do ensino, aos professores, às amizades, ao acolhimento e às oportunidades encontradas.

Entretanto, chamou nossa atenção a recorrência de relatos que ultrapassavam a formação acadêmica. Os estudantes não falavam apenas sobre disciplinas, provas, professores ou conclusão do curso. Falavam também sobre quem se tornaram, sobre as relações estabelecidas, sobre a maneira como passaram a compreender a deficiência, as diferenças sociais e a própria trajetória. Lia sintetiza essa percepção de maneira bastante expressiva:

Olha, eu costumo dizer que existe uma Lia antes da Uerj e uma Lia depois. [...] a UERJ para mim foi uma grande, uma grande escola de vida. Foi onde eu me conheci como mulher, foi o lugar que eu me realmente me afirmei como pessoa com deficiência, foi um lugar que eu tive contato com muitas, muitas vivências de outras pessoas. (Lia, 24 anos, deficiência física, Jornalismo)

ISSN: 2358-8829

A estudante continua seu relato mostrando que a universidade ampliou seu contato com diferentes grupos e discussões e que esse processo modificou sua maneira de compreender a si mesma e o mundo:

Foi muito isso. Assim quando paro e olho essa conscientização do que é sair de um lugar para morar em outro, porque a UERJ é uma casa, quem está nela considera uma casa. É isso, é essa transformação de pegar a cabeça para baixo sacudir tudo, que você aprendeu até agora estava errado, vamos reconstruir, vamos desconstruir e reconstruir novamente.

A fala de Lia permite compreender que os efeitos da experiência universitária, para ela, não se restringiram à aquisição de conhecimentos profissionais. A universidade foi significada como espaço de construção de identidade, autonomia, relações e novas formas de compreender a própria trajetória. Esse movimento aparece também no relato de Hermes:

Eu olho para trás e vejo o quanto eu cresci enquanto pessoa dentro da UERJ. O quanto que meus preconceitos quebraram, e assumo mesmo que eu era uma pessoa muito preconceituosa [...]. Então me transformou enquanto pessoa. (Hermes, 25 anos, deficiência auditiva parcial, Jornalismo)

Nesse caso, a convivência universitária é apresentada como experiência capaz de produzir mudanças na maneira de perceber outras pessoas e diferentes realidades sociais. A diversidade encontrada no cotidiano da universidade passa a fazer parte do processo de formação do estudante.

A fala de João Batista apresenta outra dimensão desses efeitos. Ao falar sobre sua trajetória, ele atribui à universidade um papel importante em suas possibilidades futuras:

Aquele espaço pra mim é algo assim que marcou demais a minha vida e marca até hoje, né? [...] A UERJ ela... ela tem o que se chama... aquela coisa chamada de mola propulsora... e ela nos impulsiona a seguir uma série de acontecimentos e eventos na nossa vida da qual a gente espera graças ao acesso à universidade. (João Batista, 46 anos, deficiência visual, Direito)

O estudante relaciona sua experiência universitária às conquistas profissionais que pretende alcançar e manifesta o desejo de continuar estudando na própria universidade. A UERJ aparece, portanto, como parte de sua trajetória presente, mas também como elemento que participa da construção de suas perspectivas de futuro.

Quando eu entrei pra UERJ, quando eu vi o que era a UERJ, o quão grande ela é e o quanto ela representa, tudo que ela traz. Não somente pela infraestrutura, mas pela faculdade em si. E eu sempre fui muito bem tratada, por todos os funcionários, desde a secretaria ao

ISSN: 2358-8829

pessoal da limpeza, inclusive de outros cursos, colegas, professores e assim vai. (Kelly, 22 anos, deficiência física, Educação Física)

Para ela, naquele momento, as condições oferecidas pela universidade eram suficientes para suas necessidades. Outros estudantes, entretanto, apresentaram críticas mais fortes e apontaram situações que precisavam ser modificadas.

Essa diferença entre os relatos é importante porque demonstra que não existe uma única experiência universitária de estudantes com deficiência. O mesmo espaço pode ser percebido de maneiras distintas, dependendo das condições individuais, das necessidades apresentadas e das situações vivenciadas. Como aponta Redig (2021), as experiências na universidade assumem diferentes significados para cada sujeito.

Ao mesmo tempo, as narrativas mostram que esses efeitos convivem com experiências de barreira e exclusão. A universidade pode ser, simultaneamente, um espaço em que o estudante encontra dificuldades para acessar um material e um espaço em que estabelece uma amizade que permanece; pode ser o lugar em que precisa negociar uma adaptação e, ao mesmo tempo, o espaço em que passa a reconhecer novas possibilidades para sua vida.

Por isso, a fala de Hanna permanece central para compreender esse movimento: *A gente foi aceito, a gente não foi incluído*. Ao mesmo tempo em que a estudante identifica essa lacuna, outros relatos mostram experiências de acolhimento, amizade e transformação. Não se trata, portanto, de escolher entre dizer que a universidade é inclusiva ou que ela não é. As narrativas indicam uma realidade mais complexa, na qual avanços e barreiras coexistem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos as narrativas dos estudantes com deficiência entrevistados nesta pesquisa, compreendemos que a experiência universitária é constituída por diferentes dimensões que se articulam e interferem na permanência. As condições socioeconômicas, as relações estabelecidas, a acessibilidade, os apoios institucionais e as experiências acadêmicas não podem ser analisados de maneira isolada.

As falas também revelaram a presença de barreiras arquitetônicas e pedagógicas, especialmente relacionadas aos métodos de ensino e ao acesso aos materiais. Em diferentes situações, os estudantes construíram estratégias próprias para lidar com essas dificuldades, recorrendo a colegas, professores, equipamentos e programas institucionais. Essas estratégias mostram o protagonismo dos estudantes em seus percursos, mas também evidenciam que não se deve transferir para eles a responsabilidade pela construção das condições de acessibilidade.

ISSN: 2358-8829

Ao lado das dificuldades, encontramos relatos de acolhimento, amizade, respeito e oportunidades acadêmicas. Para alguns estudantes, as relações estabelecidas na universidade foram fundamentais para que se sentissem pertencentes àquele espaço. Para outros, a existência de programas como o Rompendo Barreiras representou uma importante possibilidade de acesso a recursos e apoio.

As narrativas também mostram que os efeitos da experiência universitária ultrapassam a formação acadêmica. Os estudantes relatam crescimento pessoal, ampliação das relações, quebra de preconceitos, afirmação da identidade, novas compreensões sobre a sociedade e construção de perspectivas profissionais e pessoais. Em alguns relatos, a universidade aparece como um espaço que marcou profundamente suas trajetórias.

Nesse sentido, compreendemos que ouvir os estudantes é fundamental para pensar a inclusão no ensino superior. Suas narrativas permitem identificar aquilo que os números não revelam: como as políticas e os recursos são vivenciados no cotidiano, quais barreiras permanecem, quais apoios fazem diferença e quais significados a universidade assume na vida de cada sujeito.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Ensino Superior, Estudantes com deficiência, UERJ.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho está vinculado às atividades de pesquisa desenvolvidas no Laboratório de Pesquisas em Educação Especial: aspectos educacionais e psicossociais (LAPEE). O laboratório conta com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Agradecemos, ainda, o apoio financeiro recebido para a apresentação deste trabalho no congresso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Denise de Oliveira. Inclusão de pessoas com deficiência na educação superior: possibilidades e desafios. In: MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de (Org.). **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais**. Natal: EDUFRN, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Aurélia; OMOTE, Sadão (Orgs.). **Colóquio sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. **A pesquisa qualitativa em debate**. Anais [...]. Bauru: USC, 2004.

MASCARO, Cristina Angélica Aquino de Carvalho. **O atendimento pedagógico na sala de recursos sob o viés do plano educacional individualizado para o aluno com deficiência intelectual: um estudo de caso**. 2017. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; GONÇALVES, Maria de Jesus. Acesso e permanência de estudantes com deficiência física no ensino superior. In: MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de (Org.). **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais**. Natal: EDUFRN, 2013. p. 83-104.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecilia; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set 1993.

MOREIRA, Laura Ceretta. In(ex)clusão na universidade: o aluno com necessidades educacionais especiais em questão. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 25, p. 37-47, 2005.

NASCIMENTO, Suellen Teixeira. **Inclusão de alunos com deficiência no ensino superior: estudo de caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. 2021. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OMOTE, Sadao. A construção de uma escala de atitudes sociais em relação à inclusão. In: OMOTE, Sadao (Org.). **Inclusão: intenção e realidade**. Marília: Fundepe, 2005.

REDIG, Annie Gomes. **Educação Inclusiva e vivência universitária: uma proposta para estudantes com deficiência intelectual e/ou autismo**. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2021.

SCOTT, Valmôr. Acessibilidade às pessoas com deficiência na educação superior: Universidade Federal de Santa Maria – RS. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2011.